

REPRESENTAÇÃO DE PESSOAS COM AUTISMO NA LITERATURA INFANTIL: UMA ANÁLISE A PARTIR DE PERSONAGENS NO ESPECTRO

Maiara Fonseca de Alencar Barbosa¹
Heloisa Fonseca Barbosa²
Robéria Vieira Barreto Gomes³

RESUMO

A presente pesquisa objetivou analisar a representação da imagem de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na literatura infantil. Para o alcance desse objetivo, utilizamos como metodologia e instrumento de coleta de dados, a análise documental de três materiais produzidos e publicados com o intuito de apresentar e/ou conscientizar o público infantil acerca do autismo. O estudo foi fundamentado em alguns autores da área dos Direitos Humanos, bem como da Educação Especial e Inclusiva. Diante dos dados obtidos, inferimos que personagens com autismo das obras analisadas são apresentados de diversas formas, para diferentes propósitos e sob diferentes perspectivas. No entanto, todas essas obras têm em comum o apontar das diferenças como aspectos positivos, valorizados ao longo do desenvolvimento da narrativa. Desse modo, concluímos que as obras analisadas podem contribuir de maneira significativa no desenvolvimento de todas as crianças, tenham elas autismo ou não, pois podem tanto contribuir para que as crianças com autismo se sintam representadas em obras literárias, como ajudam também as crianças neurotípicas a conviverem com a diversidade.

Palavras-chave: Inclusão, Autismo, Representação, Literatura Infantil.

INTRODUÇÃO

A construção social da imagem das pessoas com TEA, historicamente, passou por uma série de desenvolvimentos. Por um longo período, as pessoas com autismo foram consideradas incapazes perante a sociedade, que as estigmatizava e condenava seus comportamentos tidos como atípicos e/ou inadequados. A ausência de informação sobre as características e manifestações do TEA fez com que a imagem da pessoa com autismo fosse fortemente influenciada por uma visão incapacitante e estigmatizada. Conseqüentemente, a exclusão de pessoas com TEA dos meios sociais e educacionais era explícita e amplamente aceita.

De acordo com Piovesan (2013), a evolução dos direitos das pessoas com TEA ocorreu em quatro fases, sendo elas: a primeira, marcada pela intolerância, a segunda marcada

¹ Graduanda em Letras Português na Universidade Federal do Ceará - UFC, trabalhoseescrever@yahoo.com.br

² Graduada em Pedagogia na Universidade Federal do Ceará - UFC, heloiisa.fonseeca@hotmail.com

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná - UFPR, aee.roberia@gmail.com

pela invisibilidade, a terceira marcada pelo assistencialismo e a quarta marcada pela visão de direitos humanos de pessoas com autismo como sujeito de direito. Atualmente, vivenciamos no âmbito da legislação, a Lei número 12.764/12, que decreta a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, determinando seu acesso à educação, à vida digna, ao livre desenvolvimento de sua personalidade, à segurança e ao lazer, dentre outros direitos.

Todavia, em decorrência de um histórico de exclusão, mesmo em um cenário com a garantia de direitos sociais, é possível observarmos que a imagem da pessoa com autismo, muitas vezes, continua sendo marcada por uma visão assistencialista e estereotipada. A falta de aceitação de pessoas que não estão no padrão hegemônico estabelecido socialmente pode levá-las a sofrer atos de preconceito e exclusão. Assim, a discussão sobre a representatividade de pessoas no espectro, é necessária e urgente, visto que esses indivíduos fazem parte de um dos grupos considerados minoritários na sociedade.

Nesse contexto, as produções literárias podem contribuir como um recurso importante para auxiliar no processo de desmistificação e desconstrução de estereótipos. Entretanto, podem também reforçar os preconceitos já existentes, uma vez que, em diversas obras, a representação de pessoas com TEA é insuficiente e muitas vezes negativa, o que resulta no fortalecimento de estereótipos em relação à pessoa com autismo.

METODOLOGIA

A presente pesquisa objetivou analisar a representação da imagem de pessoas com TEA na literatura infantil. Para o alcance desse objetivo, optamos pela realização de uma investigação de cunho qualitativo. De acordo com Minayo (1994, p. 22), a abordagem qualitativa “[...] aprofunda-se no mundo dos significados das ações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações médias e estatísticas”.

Definimos como objeto de estudo, histórias infantis com personagens com TEA, produzidas e publicadas com o intuito de apresentar e/ou conscientizar o público infantil acerca do autismo. Estabelecemos como obras a serem analisadas três narrativas: “Nós somos incríveis, 1, 2, 3!”, “Um amiguinho diferente” e “Todas as minhas listras; uma história para crianças com autismo”. Os critérios de elegibilidade desses materiais foram ter uma narrativa voltada para o público infantil e ter um personagem diagnosticado com autismo.

Como metodologia e instrumento de coleta de dados, utilizamos a análise documental dos referidos materiais de leitura. A análise documental, de acordo com Gil (2002, p.46) [...],

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica”. Aquilo que a diferencia, segundo o autor citado anteriormente, é que “a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto”, enquanto a pesquisa documental “[...] vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos de pesquisa”. (GIL, 2002, p. 45).

DESENVOLVIMENTO

O autismo consiste em um transtorno complexo de neurodesenvolvimento e caracteriza-se por um déficit na dimensão comportamental e nas áreas da comunicação e da socialização do indivíduo, manifestando-se de forma singular em cada um que é diagnosticado com esta forma de transtorno (GADIA, 2006).

Os estudos pioneiros sobre o autismo foram iniciados em 1943, ano em que o psiquiatra Leo Kanner publicou o artigo “Distúrbios autísticos do contato afetivo”. Nesse trabalho, ele descrevia onze casos de pacientes, entre dois e onze anos, atendidos por ele, que apresentavam comportamentos e características semelhantes entre si. Ele denominou que a condição clínica desses pacientes era a de um transtorno até então bastante desconhecido.

De acordo com Klin (2006, p. 1):

Nesses 11 primeiros casos, havia uma "incapacidade de relacionar-se" de formas usuais com as pessoas desde o início da vida. Kanner também observou respostas incomuns ao ambiente, que incluíam maneirismos motores estereotipados, resistência à mudança ou insistência na monotonia, bem como aspectos não-usuais das habilidades de comunicação da criança, tais como a inversão dos pronomes e a tendência ao eco na linguagem.

Essas características, apontadas por Kanner em 1943, permanecem válidas na atualidade para o diagnóstico do TEA, contudo outras foram incorporadas na literatura psiquiátrica. De acordo com Donvan e Zucker (2017), antes dos estudos realizados por Kanner, o termo “autismo” era utilizado por psiquiatras, para nomear uma condição de indivíduos adultos diagnosticados com esquizofrenia que tendiam ao isolamento social.

Os primeiros estudos sobre o TEA buscavam elucidar sua gênese e, por conseguinte, compreender por que algumas crianças tinham autismo e outras não. Uma das primeiras teorias desenvolvidas foi proposta por Kanner. Ele defendeu que a origem do autismo estaria relacionada à criação por mães afetivamente frias. Posteriormente, essa teoria foi refutada ao ser comprovado que nenhum indivíduo pode “adquirir” autismo, uma vez que é um transtorno que acompanha a pessoa desde o seu nascimento (DONVAN; ZUCKER, 2017).

Atualmente, de acordo com a revisão do DSM-V⁴, o TEA é considerado um transtorno de origem neurobiológica que pode ser diagnosticado como : grau leve (nível 1), grau moderado (nível 2) e grau severo (nível 3).O diagnóstico é realizado por meio de observação e avaliação do comportamento do sujeito, considerando os seguintes critérios: déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos; padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. (APA, 2014). Essas características se manifestam nas pessoas no espectro de forma variável, não sendo possível homogeneizar o perfil da pessoa com autismo. Entretanto, por conta da divulgação de informações equivocadas sobre o TEA, bem como reforço de estereótipos sobre esse transtorno, essa ação de homogeneização de indivíduos com autismo ainda é muito presente na atual sociedade.

Para Bhabha (1998, p. 117): “O estereótipo não é uma simplificação porque é uma falsa representação de uma dada realidade”. Em decorrência de um histórico de isolamento social, persistem, na atualidade, o desconhecimento sobre as características e manifestações do TEA por boa parte das pessoas. Por conta disso, muitas delas percebem o autismo sob as lentes de estigmas e estereótipos.

Sendo assim, para a formação de uma sociedade consciente sobre essa temática, faz-se necessário que, desde a primeira infância, seja oportunizado que crianças tenham acesso a recursos que abordam o TEA de maneira ética, adequada e contextualizada, a fim de evitar a reprodução de preconceitos e equívocos conceituais de sua parte sobre o autismo.

Segundo Arendt (2008), o preconceito tem relação com a experiência não revista no passado. Para a desconstrução de conceitos e estereótipos muitas vezes ainda enraizados na sociedade, é necessário compreender o outro em sua diferença, evitando a formulação de juízos pré-concebidos ou a negação de revisá-los.

No tópico a seguir, analisaremos estórias infantis com personagens com TEA, produzidas e publicadas com o intuito de apresentar e/ou conscientizar o público infantil sobre o autismo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a realização da análise e discussão dos dados, estabelecemos duas categorias de análise: Na primeira, “Retratção do autismo”, buscamos compreender como o autismo é

⁴ O DSM-V um manual diagnóstico e estatístico feito pela Associação Americana de Psiquiatria (APA) para definir os critérios para o diagnóstico de transtornos.

explicado aos leitores das obras. Na segunda categoria, “Estímulos para a inclusão de pessoas com TEA”, objetivamos analisar de que maneira os outros personagens interagem com o personagem com autismo, e de que modo essas interações presentes nas obras podem contribuir para a inclusão de crianças com TEA. Para fins de organização, optamos em apresentar cada estória individualmente, considerando as categorias mencionadas.

“Um amiguinho diferente”

A primeira obra analisada foi o gibi “Turma da Mônica – Um amiguinho diferente” publicado pelo Instituto Cultural Maurício de Sousa em 2003. Esse gibi contém a primeira aparição do personagem André, diagnosticado com TEA. O personagem foi criado a partir de estudos feitos para uma campanha da Associação de Amigos do Autista (AMA) e a convite da Universidade de Harvard.

Na estória, o autismo é explicado pela personagem Lucila nas seguintes palavras: “Autistas são crianças especiais! Elas são diferentes das outras! Mas não na aparência! Muitas crianças autistas não olham nos olhos das pessoas... Outras não falam e nem acenam ‘oi’ ou ‘tchau’... Não apontam para coisas interessantes... Falam o essencial ou repetem frases ou palavras ouvidas há segundos ou dias... Não imitam outras crianças nem brincam de faz-de-conta! Algumas gostam de alinhar carrinhos ou outros objetos... Repetem movimentos” (ALMANAQUE DA MÔNICA, 2003, p.06).

Diante dos extratos da fala da personagem, é possível inferirmos que o objetivo central da publicação é conscientizar crianças que não fazem parte do espectro sobre características que fazem parte do quadro diagnóstico do TEA, uma vez que são informados para o leitor, comportamentos e condutas geralmente presentes em crianças com autismo.

A explicação de Lucila sobre o autismo é acompanhada por imagens do próprio personagem, André, realizando esses comportamentos, indicando que eles são parte do seu quadro de TEA. Pode-se concluir, portanto, que as explicações sobre os traços de TEA de André, são as mesmas utilizadas para descrever “muitas crianças autistas”, sugerindo uma intenção de fazer do personagem uma base para a compreensão de como seriam “muitas crianças autistas”.

A linguagem utilizada ao longo da explicação, com termos como “Muitas”, “Outras” e “Algumas”, ajudam a reforçar que os traços de André não são os traços de todas as crianças com

autismo, o que evita um discurso generalizante. A visão da pessoa com TEA, abordada na estória, dialoga com os pressupostos teóricos de Santos e Vieira (2017, p.221) quando os autores afirmam que: “[...] não se pode homogeneizar o sujeito com autismo, considerando que são sujeitos diversos”.

É válido ressaltar ainda que o termo “criança especial” utilizado pelos autores, está atualmente em desuso. Entretanto, no período de publicação da estória, era a expressão comumente utilizada para se referir a crianças que fazem parte do público-alvo da educação especial, estando presente em leis e documentos orientadores sobre a temática.

Ao analisarmos a obra, percebemos que, apesar de alguns estranhamentos iniciais, o personagem André é acolhido pela turma, sendo inclusive elogiado como um garoto “bonito” e “esperto”. No entanto, quando ele é convidado para brincar pela personagem Magali, ele não participa ativamente da brincadeira proposta pelo grupo, ficando simplesmente alheio ao que está ocorrendo, sem que os personagens tentem efetivamente inclui-lo na atividade ou compreender sua perspectiva.

A atitude adotada pelos personagens em não propor soluções alternativas para que André se envolvesse na brincadeira, reforça princípios existentes no paradigma da integração, uma vez que a presença física da pessoa com autismo nos espaços, não implica necessariamente na inclusão desse sujeito nesses ambientes. (MANTOAN, 2003).

Em um outro momento da estória, esse comportamento dos personagens é reforçado quando Cebolinha pede que André pare de enfileirar os gizes para ajudar na elaboração de um plano. Novamente, André tem dificuldade em se juntar a uma atividade coletiva, mas Cebolinha se contenta em ouvi-lo dizer (por ecolalia⁵) “Gorducha, dentuça...” e o deixa ficar sozinho, enfileirando os gizes. Essa é, portanto, uma segunda situação social presente na estória em que é mostrado implicitamente que a única forma de interagir com uma criança com autismo é deixá-la fazendo o que quer, sem buscar compreender o que ela está fazendo ou participar de sua brincadeira.

“Nós somos incríveis, 1, 2, 3!”

O segundo trabalho analisado por nós é o livro infantil “Nós somos incríveis, 1, 2, 3!: Uma estória sobre amizade e autismo.”, escrito por Leslie Kimmelman, e ilustrado por Mary

⁵ Ecolalia é uma manifestação de afasia em que a pessoa repete de forma mecânica palavras ou frases que ouve.

Beth Nelson. Esse livro foi publicado em 2017 e partiu de uma iniciativa criada em 2010, chamada “Veja o incrível em todas crianças”, da companhia Oficina Sésamo, conhecida por produzir a série de televisão infantil Vila Sésamo.

De acordo com o site oficial da Vila Sésamo, “Desenvolvido com contribuições dos pais, de pessoas que atendem à comunidade autista, e de pessoas com autismo, “Veja O Incrível Em Todas As Crianças “... oferece às famílias maneiras de lidar com desafios comuns, de simplificar atividades do cotidiano e de aumentar as conexões e o apoio da família, amigos e comunidade”. (SUSKIND, 2017, p.01)

A obra, “Nós somos incríveis, 1, 2, 3!” contém a primeira aparição da personagem Júlia, a primeira personagem com autismo na Vila Sésamo. De acordo com um artigo sobre a criação da personagem feita pela Smithsonian Magazine, a Oficina Sésamo optou pela criação de uma personagem feminina, apesar da maioria dos casos diagnosticados de autismo serem de homens, pois isso quebraria mais as expectativas para um personagem com autismo.

Atualmente, de acordo com o último levantamento realizado *Center of Diseases Control and Prevention* (CDC) órgão ligado ao governo dos Estados Unidos, publicado em 2018, existe hoje um caso de autismo a cada cinquenta e nove pessoas. Embora a prevalência de gênero no autismo tenha diminuído, o número de homens diagnosticados ainda é superior ao número de mulheres, em uma proporção de quatro homens para uma mulher. (AMA, 2019).

Na estória de Júlia, diferentemente da estória de André, o autismo é mais exemplificado pelo comportamento dela ao longo da estória do que explicado diretamente para os leitores ou para os personagens. Apenas uma página menciona explicitamente que Júlia tem autismo, quando o personagem Elmo comenta: “O papai do Elmo disse para o Elmo que a Júlia tem autismo. Então ela faz as coisas um pouco diferente. Algumas vezes, Elmo fala com a Júlia usando menos palavras e repete a mesma coisa várias vezes.” (KIMMELMAN, 2017, p. 10)

Nesse trecho, é interessante ressaltar que, comparando-se à estória de André, Júlia não é considerada “diferente”, ela apenas “faz as coisas” de modo diferente. Para Arendt (2007), a diferença é inerente ao ser humano. Essa linha de pensamento dialoga com o que é proposto por Mantoan (2003), quando a autora, afirma que todos nós temos diferenças, e não apenas as pessoas com deficiência e/ou TEA. Desse modo, para a construção de uma sociedade inclusiva é necessário compreendermos e valorizarmos todas as diferenças existentes.

Na obra, as diferenças da personagem Julia são apresentadas em um viés inclusivo, pois elas fazem parte de sua personalidade, mas o autismo não é sua única característica. De acordo com os aportes teóricos de Santos e Paulino (2006, p. 12) “[...] incluir não é nivelar e nem uniformizar o discurso e a prática, mas exatamente o contrário: as diferenças, invés de inibidas, são valorizadas”.

Os comportamentos de TEA apresentados por Julia ao longo do livro não são diretamente ligados ao TEA, mas à própria personagem, como no trecho “Movimentos repetitivos são o que Julia faz quando está feliz!” ou na fala do personagem Elmo, “Julia tem ótimas orelhas.”. Essa é uma abordagem que valoriza a individualidade da personagem, as suas experiências particulares dentro do espectro. Enquanto o texto não orienta diretamente as crianças sobre quais são os traços do autismo, ele mostra esses traços como aspectos naturais de uma personagem, que podem ser aceitos e respeitados e não impedem que ela consiga fazer amizade com outras crianças.

É válido ressaltar que a obra não chega a dizer explicitamente quais comportamentos de Julia se devem ao seu autismo e isso talvez gere dúvidas para um leitor que não sabe que o autismo é um espectro, possibilitando a interpretação de que Júlia é uma representação para todas as pessoas com autismo, ainda que essa não seja a intenção por trás da criação da personagem.

O livro, desde o início, aborda sobre as relações afetivas de Júlia, mostrando sua amizade com Elmo e sobre as coisas que eles gostam de fazer juntos. Em algumas atividades exemplificadas, Julia apresenta diferenças de comportamento em relação a Elmo. Ainda que ambos gostem de brincar com blocos, Elmo gosta de fazer torres altas e depois destruí-las, enquanto Julia prefere enfileirar os blocos, formando paredes. Ainda que ambos gostem de brincar de carrinho, Julia prefere ficar girando os pneus deles.

Durante toda a obra, Júlia é convidada a participar das brincadeiras, e em determinado momento, os três personagens da estória (Elmo, Júlia e Abby) vão brincar e escolhem um jogo por sugestão de Julia. A personagem se sai bem no jogo e comemora fazendo estereotípias motoras. O narrador explica que essas estereotípias “[...] é o que Julia faz quando está feliz”. Em seguida, Elmo comemora pulando e Abby comemora fazendo uma pirueta e o narrador explica que “[...] isso é o que eles fazem quando estão felizes”.

Nesse momento, podemos observar que o grupo realmente acolheu a personagem Júlia. Além de inclui-la, de fato, nas brincadeiras, eles a respeitam e valorizam suas

diferenças, tal como é defendido por teóricos da área da Inclusão como Mantoan (2003), Figueiredo (2010), Santos e Paulino (2006)

“Todas as minhas listras: uma estória para crianças com autismo”

A terceira obra analisada por nós foi o livro infantil “Todas As Minhas Listras: Uma estória para crianças com autismo”, escrito por Shaina Rudolph e Danielle Royer e ilustrado por Jennifer Zivoian. Ambas autoras são educadoras e se inspiraram nos seus anos de trabalho com crianças com autismo para escreverem um livro com um personagem com o qual crianças com TEA pudessem se identificar.

O livro conta a estória de uma zebra chamada Zane que volta da escola chateada, depois de um dia difícil e desabafa para a sua mãe sobre suas experiências. Diferentemente das obras anteriores trabalhadas, o livro “Todas as minhas listras”, tem como público-alvo crianças com autismo. A intenção da obra não é explicar ou exemplificar comportamentos de pessoas com TEA como nas duas obras analisadas anteriormente, mas fazer com que crianças com autismo consigam se identificar com o personagem principal e se aceitem melhor. Por isso, a perspectiva do protagonista é a de uma criança com TEA com dificuldades de se ajustar em um mundo moldado para neurotípicos⁶.

O autismo é representado na obra por uma listra que faz parte do personagem, sem, no entanto, ser a única listra dele. Pelo que é mostrado para os leitores, listras parecem ser uma representação visual de diferentes traços do personagem, e além da listra do autismo, ele possui listras como a listra da curiosidade.

Na estória, o personagem Zane não consegue se integrar às outras crianças devido às suas dificuldades sociais, tampouco ser incluído, mas ainda assim, podemos considerar essa obra em um viés inclusivo, pois ele foi feito para dar uma representação positiva para crianças com autismo aceitarem suas diferenças e compreendê-las como aspectos positivos em si mesmas.

Desse modo, inferimos que a obra possibilita que crianças no espectro compreendam, conforme ilustra Palumbo (2012), que o problema não é do autismo, e sim da sociedade, que tem dificuldade em incluir os indivíduos no espectro. De acordo com a autora, anteriormente,

⁶ Neurotípico é uma abreviação de neurologicamente típico. É um neologismo amplamente utilizado na Psicologia, Psiquiatria, Neurologia, bem como nos aspectos sociológicos e culturais do autismo para se referir a pessoas que não estão no espectro autista.

o TEA, era encarado exclusivamente, como um problema da pessoa, e atualmente: “[...] entende-se como resultado da interação dela com o meio, ou seja, não se trata de característica intrínseca ou essencial do indivíduo, e sim como dificuldades da sociedade em incluí-los no meio” (PALMUMBO, 2012, p.02).

No final da estória, quando o personagem diz “Há mais em mim do que só a minha listra do autismo. Ela é só parte de mim. As outras partes fazem com que eu esteja completo. Eu amo cada listra porque sem elas, eu não seria eu!” (RUDOLPH & ROYER, 2015, p. 25) é transmitida a mensagem de que o autismo não define completamente um indivíduo, mas é uma parte da pessoa, sem a qual ela não seria quem ela é.

Por fim, ao analisarmos as três histórias que compuseram o objeto de investigação dessa pesquisa, os resultados mostraram o quão são importantes tais recursos para o processo de inclusão social das pessoas com TEA, proporcionando à sociedade momentos de reflexão, conhecimento, discussão e análise do que é ser um sujeito de direitos e deveres com TEA. Não esquecendo que cada pessoa com autismo é individual e possui características específicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa objetivou analisar a representação da imagem de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na literatura infantil. Diante dos dados obtidos, concluímos que as três obras analisadas possuem abordagens diferentes sobre o autismo.

Na categoria de análise “Retratação do autismo”, em que buscamos compreender como o autismo é explicado aos leitores das obras, verificamos que em duas delas: “Um amiguinho diferente” e “Nós somos incríveis, 1,2,3!” - o objetivo é apresentar o TEA para crianças que não fazem parte do espectro, através de personagens com autismo. No entanto, divergem nessa apresentação, pois na segunda estória, diferentemente da primeira, o autismo é mais exemplificado pelo comportamento da personagem ao longo da estória do que explicado diretamente para os leitores ou para os personagens.

A terceira estória “Todas as minhas listras: uma estória para crianças com autismo” é a única obra analisada que tem como público-alvo crianças com autismo e não as neurotípicas, o que torna sua abordagem bastante diferenciada. O objetivo central desse material é fazer com que crianças no espectro se sintam representadas pelo personagem e valorizem as suas diferenças.

Na segunda categoria de análise, “Estímulos para a inclusão de pessoas com TEA”, em objetivamos analisar de que maneira os outros personagens interagem com o personagem com autismo, e de que modo essas interações presentes nas obras podem contribuir para a inclusão de crianças com TEA, inferimos que as estórias, tal como na primeira categoria, abordam essa temática de maneira diferente entre si.

Na primeira estória, embora o personagem André permaneça fisicamente com o grupo durante boa parte da estória, ele não participou ativamente das atividades propostas em momento algum, e os outros personagens não buscaram uma solução para isso.

Na segunda estória, a personagem Júlia foi realmente incluída, participando das brincadeiras e de todos os momentos do grupo, além de ter suas sugestões acatadas e suas diferenças respeitadas, bem como valorizadas por todos.

Por fim, na terceira estória, embora o personagem Zane não consiga se integrar às outras crianças devido às suas dificuldades sociais, tampouco ser incluído, podemos considerar essa obra inclusiva, pois ela foi feita para dar uma representação positiva para crianças com autismo aceitarem suas diferenças e percebê-las como aspectos positivos.

Tendo em vista essas considerações, afirmamos que as obras analisadas podem contribuir de maneira significativa no desenvolvimento de todas as crianças, tenham elas autismo ou não, uma vez que podem tanto contribuir para que as crianças com autismo se sintam representadas em obras literárias, como também ajudar as crianças neurotípicas a aprenderem a conviver com a diversidade.

REFERÊNCIAS

ALMANAQUE DA MÔNICA. **Um amiguinho diferente**. São Paulo: Maurício de Sousa Editora, v.01, 2003.

ARENDDT, Hannah. **A condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BRASIL. Lei Nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. **Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**. Brasília, 2012.

BHABHA, Homi K. A outra questão: O estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo. In: **O local da cultura**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1998.

DONVAN, John; ZUCKER, Caren. **Outra sintonia: A história do autismo**. São Paulo: Editora Schwarcz S.a, 2017.

GADIA, Carlos. **Aprendizagem e autismo: transtornos da aprendizagem**: abordagem neuropsicológica e multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. –São Paulo: Editora Atlas, 2002.

KIMMELMAN, Leslie. **Somos incríveis, 1,2,3!** Nova York: Random House Children's Books, 2017.

KLIN. **Autismo e Síndrome de Asperger**: Uma visão geral. São Paulo: Revista Brasileira de Psiquiatria, v. 28, maio 2006.

MANTOAN, Maria Teresa Égler. **Inclusão escolar**: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MINAYO, M. C. de S. (Org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

PALUMBO, Livia Pelli. A efetivação dos direitos das pessoas com deficiência pelos sistemas de proteção dos direitos humanos: sistema americano e europeu. **Revista Científica Eletrônica do Curso de Direito**, São Paulo, v. 2, n. 2, p.2-22, jul. 2012.

PIOVESAN, Flávia. **Direitos Humanos e Direito Constitucional Internacional**. 13 ed. rev. e atual. São Paulo: Saraiva, 2013, p. 289 e 290.

RUDOLPH, Shaina; ROYER, Danielle. **Todas as minhas listras**: a história de uma criança com autismo. Washington Dc: American Psychological Association, 2015.

SALES, Jefferson Falcão; VIANA, Tania Vicente. **Autista no ensino regular**: avaliação, inclusão e vulnerabilidade. In: CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima; SILVA, Lucas Melgaço da; ARAÚJO, Karlane Holanda. **Avaliação da Aprendizagem: a pluralidade de práticas e suas implicações na educação**. Fortaleza: Uece, 2017. p. 324-340

SANTOS, Mônica Pereira Dos. PAULINO, Marcos Moreira. **Inclusão em educação**. Editora Cortez: São Paulo. 2006.

SUSKIND, Ron. Why the Team Behind Sesame Street Created a Character With Autism. **Smithsonian Magazine**. Disponível em: <https://www.smithsonianmag.com/innovation/team-sesame-street-created-character-autism-180967218/> Acesso em: 01/10/2019.